

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E OS SIGNOS DE MASCULINIDADES EM DESCRIÇÕES DE PERFIS PROFISSIONAIS NA REDE LINKEDIN

Área temática: Direitos Humanos, Relações de Gênero e Gestão de Pessoas

David Emmanuel da Silva Souza

davidemmanuel9@hotmail.com

Ariíni Guimarães Bomfim

ariini@hotmail.com

Gustavo Agnaldo de Lacerda

guslacerda.div@gmail.com

Eduardo Magaldi Rodrigues

edumagaldirodrigues@gmail.com

Ramon Silva Costa

ramoncostta@outlook.com

Resumo: *A noção de subjetividade inaugurada pela modernidade organiza-se em torno da identidade. O processo de subjetivação do sujeito no e com os outros indivíduos se dá em variadas “linhas de força” que, grosso modo, podem ser consideradas dentro das categorias identitárias: seres sociais, eróticos, etc., sendo que isso não é, em absoluto, racional. Partindo então dessas premissas, este trabalho busca investigar que signos de masculinidades podem ser encontrados no perfil profissional de usuários da rede LinkedIn que estão para além da performatividade identitária? Em adição: quais são as estratégias que têm sido utilizadas por alguns gays usuários da rede LinkedIn para subverter e questionar as normas hegemônicas presentes em nossa sociedade em relação ao gênero/sexo na procura por emprego? Com uma análise sobre essas questões, na perspectiva dos estudos de masculinidades, pretendemos contribuir para o enfrentamento do complexo da questão da violência de gênero nos campos do trabalho com relação ao homem gay.*

Palavras-chave: *Subjetividades; Masculinidades e Trabalho.*

Introdução

Numa perspectiva freudiana, a cultura/civilização leva o homem à infelicidade, porque o ser humano passa a domesticar cada vez o seu id¹ – controlar os seus instintos agressivos e sexuais. Freud vê uma relação causal entre o sofrimento neurótico do ser humano e o processo civilizatório. Os conflitos que marcam a sociedade moderna estão relacionados com as imposições da cultura, como a busca do corpo perfeito, o ser aceito socialmente, entre outras questões. Em “O Mal-estar da Civilização” (1930), referido autor trata do conflito entre as exigências da pulsão do ser humano e as restrições impostas pela civilização.

Novas tecnologias, tais como o LinkedIn e a mídia aceleram estas formas de controle sobre o homem, criando cada vez mais formas sofisticadas de sublimar os desejos/instintos, domesticando-os. De acordo com Freud, as relações sociais são fonte social do sofrimento, de modo que o papel do progresso científico e tecnológico fique desmistificado. Em outras palavras: a civilização/cultura impede a conquista da felicidade.

Segundo Freud, o desenvolvimento cultural só é possível graças à sublimação das pulsões (atos de solidariedade ao próximo, sexo virtual, etc). Para explicar este processo de repressão dos impulsos, o autor retoma o mito da família primitiva. No texto “Totem e Tabu” (1913), Freud fala do conflito que é estabelecido pelos filhos na luta para tomar o lugar do pai. Disso decorre a primeira lei moral e social – o tabu ao incesto (filhos e mãe). Portanto, a primeira lei estabelecida é uma restrição à sexualidade de modo que prevalece na civilização, segundo Freud, uma tendência em restringir e controlar a sexualidade humana.

A força do superego enfraquece o indivíduo e o faz reprimir seus instintos. Em muitas sociedades e durante muito tempo, a religião funcionou como este superego social para controlar os indivíduos. Hoje, despontam novas formas de controle, mais sutis, como as geradas pela tecnologia.

A definição da temática e do objeto de pesquisa – processos de subjetivação e os signos de masculinidades em descrições de perfis profissionais na rede LinkedIn – justifica-se neste sentido: LinkedIn como nova ferramenta, mais sutil, que serve ao controle dos gêneros

¹ Freud acreditava que o homem tem uma estrutura psíquica dividida em três partes – a) ID (parte instintiva, instância emocional que inclui os instintos de sexualidade ou vida, qual seja, *Eros*; e os instintos de agressividade ou morte, qual seja, *Tanatos*); b) EGO (instância que inclui a consciência) e c) o SUPERGO (as normas sociais pela instância da razão, instância castradora). Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud. Acessado em 14 de junho de 2016.

nas formas de trabalho. Soma-se a essa justificativa os crescentes índices de desemprego no Brasil; o incremento do mercado de oferta e procura de empregos em plataformas como o LinkedIn que, além de empregos, oferecem cursos online em diversas áreas; bem como o fato de estas questões de gênero e trabalho estarem mobilizando a opinião pública brasileira².

O objetivo deste artigo é, então, por meio de uma análise de vinte e três perfis profissionais de pessoas assumidamente gays, avançar na compreensão da discriminação perpetrada contra homossexuais na busca por emprego. Para tanto, buscaremos no primeiro tópico tratar dos processos macros de subjetivação e performatividade de gênero, bem como das categorias identitárias para, no segundo tópico, aferir os signos de masculinidades que são absorvidos, reafirmados ou subvertidos nos perfis sob análise.

1. Processos macros de subjetivação e categorias identitárias na perspectiva da performatividade, da esquizoanálise, estudos de masculinidades e da teoria ator-rede

1.1 Processos macro de subjetivação

Em “Problemas de Gênero - feminismo e subversão da identidade” (2015), Judith Butler trata da identidade enquanto performatividade. Segundo a autora, performatividade aqui não deve ser entendida no sentido coloquial-artístico. Não no sentido de alguém que está lá enquanto ator realizando um ato performático. Deve sim ser entendida enquanto tudo aquilo do qual nós não conseguimos escapar. Performatividade é um “estado de” e é diferente de performance porque performance é, deliberadamente, o momento em que o ator se coloca em ação.

Butler trabalha o conceito de performatividade com base na Filosofia da Linguagem de John Austin (atos performativos)³. Austin, entre os anos de 1953-1955, escreveu o livro “*How to Talk—some simple ways,*” e, em 1964, publicou o livro “*How to do things with words?*”. A identidade performativa então possibilitou a Butler trabalhar com a ideia de que,

² Como o caso do professor de geografia Vitor Pelegrin que foi afastado das atividades profissionais por ter usado uma saia durante uma atividade escolar em evento cívico de Sete de Setembro, em Campinas/SP. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1753337-campinas-afasta-professor-que-usou-saia-em-ato-sobre-a-questao-do-genero.shtml> Acessado em 14 de junho de 16.

³ Ideias sobre o *performativo*, onde o falar implica num fazer, diferenciando estes atos de meras descrições, porque nada descreviam, nada relatavam, etc. Em **atos performativos** não precisamos produzir coisas que são verificáveis pela verdade ou falsidade.

quando se afirma, por exemplo, no nascimento de uma criança que trata-se de “um menino”, para a grande maioria das pessoas, essa fala/afirmação é um ato descritivo, ou seja, no senso comum apenas narra um fato dado. Mas Butler trabalha com a crítica que Derrida faz a John Austin dizendo que na verdade ao se afirmar uma situação como a do exemplo acima, aquele que afirma/exerce a ação de afirmar, realiza uma performatividade que, não só conta/narra o fato dado, mas também impõe um dever ser. Aquele que afirma “é um menino” imputa naquela situação um ato performativo. E a partir daquele momento todas as pessoas passam a assumir uma expectativa de performatividade do recém-nascido em relação ao seu gênero/sexo (FERNANDES, 2015, mimeo).

Desse modo, o processo de (des)construção do sujeito, para Judith Butler, deve então estar focado no discurso. Ainda segundo a autora, a nossa única possibilidade de ser, agir e compreender o mundo está nos limites discursivos. Assim, não existe liberdade de escolha de gênero. Existem possibilidades de ações dentro dos discursos previamente montados para os gêneros. Ao final do livro, Butler (2015, p. 205-221) explica o que é performatividade de gênero. Em poucas palavras: performatividade é tudo aquilo do qual nós não conseguimos escapar; é tudo aquilo que é exercido, a todo o momento, por todas as pessoas. Performatividade de gênero é um ato de fala que gera uma sequência de atos que dão a impressão de identidade. O corpo não é masculino ou feminino, o corpo exerce uma performatividade feminina ou masculina.

Isto nos leva a seguinte indagação: para além da performatividade identitária, quais são as estratégias que têm sido utilizadas por gays para subverter e questionar de forma permanente as normas hegemônicas presentes em nossa sociedade em relação ao gênero/sexo na procura por emprego?

A identidade é algo que se tenta fixar a partir da substância/subjetividade. Identidades são os aspectos fixos da subjetividade, e fixo no sentido de não experimentar dinâmicas, mas de manter estabilidade (p. ex: rosto, nomes etc). Subjetividade é o espaço de interioridade em que cabe certa compreensão do outro e de si mesmo.

Desse modo, a partir do que foi exposto é possível verificarmos então como a biopolítica opera sobre e com a identidade. A biopolítica é uma forma de agir sobre o meio e a população. É totalizante e individualizante na medida em que produz subjetividade. Em outras palavras:

Segundo Deleuze e Guattari, somos formados por três tipos de linhas: (a) dura, (b) maleável e (c) de fuga. As linhas duras nos compõem através do estabelecimento de dualidades sociais, que nos estratificam, no sentido forte do termo. São as grandes divisões na sociedade: rico ou pobre, trabalhador ou vagabundo, normal ou patológico, homem ou mulher, culto ou inculto, branco ou negro, etc. As linhas maleáveis possibilitam variações, ocasionando desestratificações relativas. E as de fuga representam desestratificações absolutas, no sentido em que rompem totalmente com os limites das estratificações estabelecidas. (...) A esquizoanálise, no bojo de um movimento mais amplo de descentralização do cogito e recuperação da dignidade do corpo enquanto fonte de sentidos que a consciência desconhece, opera a crítica dessa noção clássica de sujeito, afirmando, inicialmente, seu processo de constituição. Isto é, ao invés de se afirmar a centralidade da consciência, identificada com o próprio pensamento, trata-se de deslocá-la para a margem de um processo do qual ela é antes o sinal, e não a causa, e afirmar que o pensamento tem razões que a consciência desconhece. (...) Daí a escolha do termo subjetivação, pois se trata mais de um processo do que de um dado ou ponto de partida essencial, e daí também a importância do estudo das linhas, isto é, das relações de forças de sentidos em que nos tecemos em sociedade e mundo, e que, como veremos, também nos escapam, esboçando assim outras experiências de sentido ou simplesmente caotizando as já formadas. (...) Nossa vida é feita assim: não apenas os grandes conjuntos molares (Estados, instituições, classes), mas as pessoas como elementos de um conjunto, os sentimentos como relacionamentos entre pessoas são segmentarizados, de um modo que não é feito para perturbar nem para dispersar, mas, ao contrário, para garantir e controlar a identidade de cada instância, incluindo-se aí a identidade pessoal (CASSIANO & FURLAN, 2013).

É uma lógica de cortes. De quem pertence e quem não pertence ao contexto que essas linhas atravessam e constituem. Porque são linhas que ordenam a essência, a função e o lugar das pessoas. Essa é a razão principal de Deleuze e Guattari nomearem a subjetividade como processos de subjetivação-desubjetivação. Afinal o homem se constrói em muitas relações e se desconstrói em diversas outras ao enveredar por linhas de fuga (CASSIANO & FURLAN, 2013). A fim de que o exposto acima fique ainda mais claro, vejamos:

O processo de subjetivação não é visto como destino inexorável de serialização de indivíduos, porque comporta simultaneamente a possibilidade de reapropriação, subentendendo que os sujeitos são agentes, aos quais se permitem escolhas. Escolhas que, embora não sejam ilimitadas, abrem espaço para a construção de algo, pois contrariamente às normas do controle, leva à reconquista do potencial da autonomia criativa. (MATOS, 2005, p. 27)

Então, na perspectiva do que nos propõe esses autores tentaremos nos próximos tópicos traçar um dos mapas das forças que nos rodeiam e atravessam forças com que gays têm que lidar para construir suas formas de subjetividade ou existência na busca por emprego.

1.2 Categorias Identitárias

A identidade configura-se como um fator diferenciado que certos indivíduos possuem que os determina de alguma forma no meio em que estão inseridos. Cada indivíduo possui na sua formação enquanto sujeito social, a constituição de variadas identidades, que são concebidas, pelos mais diversos fatores como biologia, cultura, etnia e sexualidade.

O sujeito homossexual é uma construção identitária do século XIX, anteriormente as relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo eram vistas como sodomia, ou seja, as práticas homossexuais não determinavam uma identidade homossexual.

Portanto, atualmente reconhecemos gays como categoria identitária, pois na segunda metade do século XIX, iniciou-se o processo de definição e categorização social dos indivíduos como sujeitos homossexuais, uma identidade que viria a ser marcada pelo estigma, discriminação e marginalização social.

Sendo assim, todos que não estavam inseridos na norma heterossexual, viam-se guiados pelo medo e angústia gerados pela segregação social, sendo afetados diretamente pelos males atrelados à identidade homossexual em um contexto heteronormativo, realidade que persiste até os dias atuais, mesmo que o contexto seja cada vez mais questionado com novas concepções sociais e políticas acerca de gays em diversas sociedades pelo mundo.

A homossexualidade já foi definida como patologia ou perversão, porém a ideia sobre esta, configura-se como uma construção social do discurso moral da modernidade e não como uma realidade em si. Foucault (1988) expressa que houve um projeto de iluminação de todos os aspectos do sexo, o que motivou a produção e reprodução de discursos e verdades acerca dos atos sexuais, dessa forma, a sociedade não se recusa a reconhecer o sexo, mas, pelo contrário, estipula um aparelho complexo para reproduzir o discurso “verdadeiro e legitimador”, que objetiva discipliná-lo.

A construção discursiva acerca do sexo determinou a distinção entre heterossexuais e homossexuais, dando à homossexualidade um estigma de anormalidade, desvio, em relação à heterossexualidade, que seria a identidade natural, normativa.

Na visão foucaultiana, a história da sexualidade deve ser desenvolvida e compreendida a partir de uma história dos discursos, estritamente vinculada às relações de poder e dominação vigentes no meio social, dessa forma torna-se patente a importância dos discursos dados como absolutamente verdadeiros na construção das identidades, assim como em seus processos de reconhecimento e efeitos sociais.

A divisão e classificação dos indivíduos como heterossexuais e homossexuais culminou na marginalização dos homossexuais por contrariarem a perspectiva heteronormativa. Este processo discriminatório encontra-se em todos os setores sociais, restando-se configurada a aversão à identidade homossexual em espaços como o mercado de trabalho, o que impõe dificuldades para que gays expressem suas identidades ao procurarem por emprego, ou até mesmo no ambiente de trabalho, quando já empregados.

As classificações identitárias funcionam por meio de uma relação de poder que gera a exclusão de gays em razão da identidade homossexual, visto que, como afirma Foucault, toda relação de poder é um mecanismo de exclusão. Nesse sentido, os sujeitos homossexuais são afetados pela norma heterossexual que impossibilita a naturalização da identidade homossexual nos meios sociais, que é tida como uma anormalidade.

A ideia de naturalização dada à heterossexualidade promove uma esfera de rejeição a qualquer comportamento sexual que fuja deste padrão, portanto a heterossexualidade funciona como uma norma social, política, jurídica e econômica, o que embasa os discursos heterossexistas que consubstanciam a discriminação dos homossexuais.

Assim sendo, homens homossexuais tendem a buscar a desvinculação de suas identidades, estabelecendo uma performance identitária, pois, por não possuírem uma identidade sexual que atenda a perspectiva social, desenvolvem uma representação positiva da homossexualidade ou até mesmo o afastamento total da construção discursiva acerca da identidade homossexual.

1.3 Sujeitos em rede: simetria radical

A Teoria Ator-Rede (TAR) surge como uma proposta de releitura da noção de social para as ciências desse campo. Desenvolvida por autores como Michel Callon, John Law e Bruno Latour, a TAR promove uma descontinuidade em relação à Sociologia quando aponta para a necessidade de considerar também os elementos não-humanos como atores de relevância e influência na compreensão do fenômeno social.

Em sua formulação teórica, Bruno Latour investiga a etimologia latina da palavra *socius*, resgatando seus significados originários de companhia e de associação. (LATOUR, 2005, p. 6). A partir destes, o autor entende o fenômeno social como movimentos de associações e de reunião de elementos. Por outro lado, identifica a insuficiência da abordagem

sociológica tradicional (ALCADIPANI; HASSARD 2009), quando restringe a compreensão do social às agências de elementos humanos. Ao introduzir os elementos não-humanos à análise do social, Latour imprime um caráter de heterogeneidade às relações, isto é, entende que estas são um reflexo tanto de ações humanas como de ações não-humanas. O autor, então, propõe o uso do termo coletivo como uma forma de incluir o não-humano, até então não entendidos como sociais.

Nesse sentido, podemos dizer que a TAR amplia as possibilidades de análise do social, à medida que o entende como um conjunto de materialidades heterogêneas conectados. A já mencionada introdução do não-humano é um fator central para a Teoria Ator-Rede, dadas as mudanças que esses elementos provocam nos meios em que se insere. Portanto, os elementos humanos e não-humanos que compõem o coletivo e que, conseqüentemente, constituem conexões, produzem alterações na medida em que se articulam e se afetam mutuamente. A partir dessa afirmação, observa-se que nessas relações de interação dos elementos heterogêneos entre si, mais que determinar uns aos outros, estes têm a capacidade de atuar uns em relação aos outros.

No entanto, quando se afirma que o social é constituído por movimentos e associações de elementos heterogêneos, não se trata de sugerir uma equivalência entre os mesmos, mas sim de instigar os pesquisadores a incluir esses importantes elementos materiais em suas pesquisas, invisibilizados pela preponderância do humano. Mais do que valorizar um elemento em detrimento do outro, deve o investigador analisar atentamente qual a relação entre esses elementos e observar os impactos advindos dessa interação. Assim, o mundo dos não-humanos deixa de ser mero artefato para participar do cotidiano provocando transformações.

É fácil constatar que uma característica marcante das relações sociais no dia de hoje é uso de incontáveis materialidades no estabelecimento de conexões. Receber uma mensagem de texto pelo celular é o resultado de uma complexa interação de materialidades que envolve humanos e não-humanos. Portanto, a pretensão de separar tais objetos dos fatores sociais induz ao erro (LAW, 1986), uma vez que, se desconsiderados os não-humanos, nos limitaríamos às interações que se estabelecem exclusivamente a partir de nossas habilidades (LATOURE, 1994b). Nesse sentido, para além de uma reflexão acerca do social, a TAR visa a compreender as associações que propiciam relações e conexões com os elementos não-sociais (LATOURE, 2003). Esta teoria pode ser de grande utilidade para as análises nas quais a

fronteira entre os elementos humanos e não-humanos não esteja bem definida e em que seus atores possuam formas diversificadas (CALLON, 1999).

A ideia de que formam ambos o material e o humano uma mesma rede que compõe fenômenos introduz a noção de simetria proposta pela TAR. Segundo esta, a análise desses elementos no coletivo deve ser feita em um plano comum. Assim, a noção de simetria advém, precisamente, do não estabelecimento de uma posição privilegiada entre os referidos elementos, dado que as ações resultam de uma associação entre humanos e não-humanos (LATOUR, 1999; 2005; LAW, 2004).

Em se tratando da aplicação do princípio da simetria, Latour (2001) se contrapõe à prática corrente dos sociólogos ao defender que se leve em conta um número maior de agentes e atuantes para compreender os resultados das ações. Entende, portanto, que a dicotomia entre sujeito e objeto representa um grande obstáculo para que se entendam os coletivos (LATOUR, 2001), já que os híbridos representam quase tudo (LATOUR, 1994a). Conseqüentemente, focar uma análise exclusivamente no humano reduziria o que pode apreender do fenômeno.

Diante do exposto, considerando o nível de inserção dos elementos não-humanos na vida cotidiana dos humanos e dadas as redes heterogêneas por estes formadas, resulta inviável o estudo de relações técnicas e sociais sem levar ambos elementos em consideração.

2. Signos de masculinidades em descrições de perfis profissionais na rede LinkedIn

2.1 Signos de masculinidades

As construções das identidades dos sujeitos passam, nos apontamentos teóricos do tópico anterior, por um processo de significação de poder nas relações que se estabelecem entre os sujeitos e os espaços sociais. A configuração de processos macros de subjetivação e performatividade de gênero podem ser percebidos como processos comportamentais reiterados e reificados com características simbólicas nas relações que traduzem sistemas de opressão e que portanto podem ser modificadas no tempo e espaço. De acordo com essa leitura da Butler, a performance permite em espaços diferenciados o uso simbólico de ações, falas e imagens que possibilitam estabelecer uma relação de poder entre sujeitos.

Com essa base é possível pensar quais os elementos da performatividade são destacados pelos próprios sujeitos para estabelecerem uma conexão com as características simbólicas do mundo do trabalho, e trilhando elementos acerca das masculinidades

hegemônicas nesse ambiente. Conforme já observado no pensamento de Connell, os corpos tornam-se objetos generificados pela sociedade, ao serem pautados comportamentos e discursos referenciais de gênero e sexualidade. A masculinidade hegemônica pode ser pensada como um paradigma referencial para pensar que fora dela existem as expressões de feminilidade e de masculinidades subalternas.

Portanto, se o universo do trabalho denota como características positivas liderança, agressividade, disciplina, organização, empatia, paciência, entre outras, cada uma dessas estabelece uma nuance de um comportamento e um discurso mais próxima ou mais distante da masculinidade hegemônica. A própria Connell afirma que às configurações de divisão do trabalho pautadas no gênero ao se estabelecerem na dinâmica social e produtiva perfazem processos de acumulação de gênero diferenciadas de masculinidades.

Mesmo masculinidade hegemônica, feminilidade e masculinidade subalternas passam pela referência da construção diferenciada dos gêneros binários de forma opositiva e complementar, que se formam através de imagens, símbolos e representações sociais.

Assim, a autêntica feminilidade surgia como o inverso da masculinidade: delicadeza, beleza sensual, comedimento público e fragilidade. Todas essas características figuravam como o modelo oposto do heróico masculino e consagravam a ideia segundo a qual quanto mais feminina a mulher e mais masculino o homem, tanto mais saudáveis a sociedade e o Estado, preceito que apontava para a necessidade de que houvesse uma separação entre os sexos de modo tal que se pudesse indicar com precisão características e comportamentos típicos de cada gênero. (DIAS, 2009, P.52)

Homens homossexuais não são alocados diretamente na identidade da masculinidade hegemônica uma vez que esse conceito é marcado pelo ideal de homem, branco, heterossexual, meia-idade, profissional liberal, cristão. A ideia ensaística do trabalho é compreender a existência de signos de uma masculinidade subalterna ou signos de subjetivação performática apoiada na significação ideal da masculinidade hegemônica.

Nesse sentido, os signos elencados para a pesquisa retirados dos perfis são aqueles capazes de expor alguma subjetividade ou personalidade dos sujeitos e alguns dados mais objetivos da relação deles como o mundo do trabalho. A veracidade das informações não tem relevância nessa pesquisa. A ideia é pensar quais as características associadas ao gênero e à sexualidade são expostas, selecionadas espontaneamente pelos indivíduos como sendo aquelas de realizar uma relação com o mundo do trabalho.

2.2. Tabulação do perfis

Retomando algumas construções do tópico anterior, sobre masculinidades enquanto elemento e campo de estudo, a pesquisa segue no intuito de compreender formas de relacionar os conceitos formatados de identidade e subjetivação de masculinidades com as formas de gerir pessoas no mundo do trabalho. Na medida em que se aguça o olhar para a visualização dos traços de perfis de masculinidade através daquilo que é exposto e corporificado pelas pessoas, é possível compreender como se estabelecem as relações entre determinados grupos e o mundo do trabalho.

Algumas considerações prévias são importantes explicitar para uma clareza maior do trabalho e sua limitação. A pesquisa será feita por amostragem. A produção de alguns dados quantitativos e qualitativos que permitam ressaltar elementos de masculinidades e do mundo do trabalho serão suficientes nesta etapa da pesquisa. As considerações sobre os limites e as potencialidades desse método não inviabilizam o fomento das ideias até aqui construídas. Há dois recortes na pesquisa.

O recorte da categoria de sexualidade (homossexuais) parte da investigação sobre sujeitos que não se enquadram no perfil da masculinidade hegemônica nesse traço, e o local referido para colação das amostragens é vinculado ao universo do trabalho, uma rede social de apresentação de currículo. Assim, relacionar tais fatores permite perceberem alguma medida como se caracterizam os sujeitos sobre esse signo no mundo do trabalho. Será que os homossexuais estão inseridos? Como se caracterizam nos currículos? Que informações elencam sobre si?

O recorte do LinkedIn enquanto meio de acesso às informações tem uma dupla justificativa. Se por um lado as informações são colacionadas pelos sujeitos, de forma espontânea e expositiva, como um currículo; por outro lado a rede social é uma ferramenta acessível e encontra-se em expansão com um aumento cada vez maior de acessos e perfis. Reforçando a perspectiva dessa grelha de amostragem ou desse espaço selecionado para análise, o LinkedIn traduz-se como uma ferramenta inovadora contextualizada com as novas construções de sociabilidade virtuais e enquanto rede social conectada com a noção de espaço aberto e plural de expansão de identidades e comportamentos.

Vencidas tais considerações, confirma-se o intento de construir alguns dados sobre como homossexuais representam traços de masculinidade e em que medida esses sujeitos são

incorporados ao mundo do trabalho. Algumas informações comuns e basilares encontradas em todos os perfis foram usados como parâmetro na construção dos dados. A foto do perfil pode apresentar caracteres como formalidade, espontaneidade, criatividade, entre outros. Ou seja, pode exprimir um traço de personalidade com signo de masculinidade. As informações das experiências e formação são importantes pra compreender como se relacionam as pessoas no mundo do trabalho, se são realmente absorvidas, a partir de que nível educacional, em que área de atuação, quais são atividades que destacam qual tipo de masculinidade. Também se recorreu a informações suplementares não completamente uniformes destacadas em alguns perfis e que serão apresentados logo mais.

A partir da noção já apresentada de masculinidade hegemônica elaborada por Connell, definida como configurações práticas das posições dos homens na estrutura das relações de gênero dotada de uma racionalidade e situada em um contexto histórico, o recorte de sexualidade se clarifica para pensar qual a racionalidade envolvida na participação de homossexuais no mercado de trabalho no Brasil. O processo de reconhecimento no sistema jurídico de garantias e direitos está em curso de forma gradativa no Brasil, considerando os avanços nos últimos anos de políticas públicas, leis e processos em que a temática se apresenta. A visibilidade maior e positiva dos sujeitos alcança as estruturas do sistema econômico produtivo, permitindo que a integração desses sujeitos como trabalhadores possa ocorrer destacando características próprias desse segmento da população. Uma forma de perceber tais mudanças são as campanhas publicitárias de empresas que valorizam os homossexuais como segmentos de consumo, e que avançam ao repercutirem nos espaços públicos e nas redes sociais, por vezes reforçando tais práticas como uma política interna.

Quanto a coleta de informações, foram selecionados 23 perfis do LinkedIn de homens reconhecidamente homossexuais. Foram escolhidos como critérios iniciais, características da foto como feição (séria/sorrindo), ambiente (formal/informal) e se a foto era um autorretrato ou não. Em seguida foram destacados elementos como formação acadêmica, área de atuação e quantidade de experiências. Posteriormente ficou claro um destaque dentro da área de atuação sobre a docência. As informações NI significam “não identificados”. As áreas do conhecimento foram consultadas e correlacionadas as informações do CNPQ. Os dados serão apresentados inicialmente de forma totalizada, e em seguida com informações cruzadas e algumas análises.

	Nº de amostras
Características das Fotos	
Sorrindo	14
Sério	8
Não Identificado	1
Autorretrato Sim	8
Autorretrato Não	13
Autorretrato Não Identificado	2
Ambiente da foto Formal	7
Ambiente da foto Informal	12
Ambiente da foto Não Identificado	4

Área de atuação/ conhecimento	
Exatas	1
Biológicas	1
Engenharias	1
Saúde	2
Agrárias	-
Sociais aplicadas	13
Linguística/arte	4
Humanas	1

Escolaridade	
Graduação	9
Pós lato sensu	2
Mestrado	6
Doutorado	2
Phd	2
NI	2

Experiências	
Qtd	Nº de amostras
1	2
2	3
3	8
4	4
5	3
7	1
9	1
10	1

Quanto às fotografias dos candidatos, nessa amostragem, a maioria se mostra sorrindo, em um ambiente aparentemente informal e cujas imagens não foram captadas no formato self. Esses dados têm um significado próprio na correlação com os signos ou traços dos perfis de masculinidade, e intensificam-se na correlação de dados apresentados mais abaixo. Algumas das fotografias que não permitem identificação dos caracteres ou elementos elencados na amostragem ocorre por efeitos estéticos nas imagens, como um fundo de arco-íris, um efeito de nuvens e um retrato em miscelânea de arte pop.

Pela observação inicial majoritariamente há uma concentração na área das ciências sociais aplicadas. Aqui os cursos elencados foram Direito, Economia, Contabilidade, Turismo, Comunicação Social, Jornalismo, Administração e Arquitetura. A maior parte fora dessa área está correlacionado a docência como apresentado abaixo. Além disso, apenas

quatro possuem mais de um campo de formação e ainda assim, apenas apresentam experiências em um setor.

A maior parte dos perfis têm em média 3 experiências relatadas. Alguns perfis colocam experiências acadêmicas como experiências profissionais, com estágios e orientações de pós-graduação, como os perfis que apresenta 10 ou 9 experiências. Tais experiências foram percebidas como tendo lapsos temporais muito curtos de duração e sendo cumulativos muitas vezes, ou na mesma instituição.

Quanto à escolaridade há a possibilidade de um desvio na composição dos dados provavelmente pela seleção aleatória a partir de sujeitos que deveriam ser reconhecidamente gays. Para encontrar tal população-alvo, sem que ela esteja expressa no perfil, foi necessário recorrer a graus de proximidade com o pesquisador. Esse fator não inviabiliza a pesquisa, em si. Sobre essa amostra não se poderia afirmar taxativamente que mais de 90% dos homens homossexuais com perfil no LinkedIn tenham algum grau de nível superior. No quesito escolaridade foram considerados para cada item o curso completo ou em andamento. O que é possível concluir é que o público-alvo da pesquisa tende a ter duas características: homossexualidade e formação de nível superior.

Também é possível inferir que a maioria dos perfis se apresentam de forma organizada, no sentido da obediência de técnicas formais ou em alguma medida intencionalmente distorcida. A maioria possui o resumo ou a apresentação textual de si mesmo, ainda que em alguns casos seja só uma linha. No universo de 23 amostras, 14 delas apresentaram um currículo com resumo e organizado.

Até esse ponto as características majoritárias que puderam ser levantadas informam o seguinte quadro: a apresentação de uma imagem sorrindo, em um ambiente informal, cujo retrato foi capturado por terceiros, sendo que a maior parte trabalha na área de ciências sociais aplicadas e possui em média três experiências profissionais. Boa parte volta-se a docência e possuem currículos organizados.

Cruzando algumas informações outros dados são informados. Por exemplo, aproximando os dados de experiência dos dados de áreas do conhecimento/de atuação, obtém-se uma média de experiências próxima aos dados da maioria. No caso da experiência com a escolaridade a média de experiências é acima de 4 majoritariamente. Na hipótese do doutorado a amostra desviante da quantidade de experiência é um perfil com 10.

Áreas do conhecimento/atuação		Média de Experiências
Exatas	1	1
Biológicas	1	5
Engenharias	1	3
Saúde	2	acima de 3
Agrárias		
Sociais Aplicadas	13	acima de 4
Linguística	4	acima de 4
Humanas	1	3

Escolaridade	Experiências
Graduação	9 acima de 4
Pós-lato sensu	2 3
Mestrado	6 acima de 3
Doutorado	2 acima de 6
Phd	2 4
NI	2 4

Nessa amostragem também é possível perceber que retirando aqueles que possuem apenas graduação e portanto não podem lecionar e aqueles em que não foi possível identificar a escolaridade, a 9 de 12 lecionam.

Área de atuação/ conhecimento		
	Docência	
Exatas	1	1
Biológicas	1	1
Engenharias	1	1
Saúde	2	1
Agrárias	-	
Sociais aplicadas	13	1
Linguística/arte	4	3
Humanas	1	1

Com esses dados algumas conclusões são possíveis. Quanto a forma como se apresentam nas fotografias que são apresentadas é perceptível que, para além dos três que apresentam imagens mais modificadas, a maioria apresenta uma foto parecida com as fotos 3x4 (início do torso e o rosto), mais descontraída em função do sorriso. O signo da representação do torso, ainda que sorrindo, é completamente distinto daqueles três onde

houve uma arte gráfica envolvida para desenvolver mais personalidade e criatividade, como nuvens, as cores do arco-íris e um quadro de arte pop.

Quanto às áreas de atuação há relevante constatação nessa amostra de que a maioria ainda busca o campo das ciências sociais aplicadas. A percepção sobre esse recorte deve antever que a participação feminina no mercado de trabalho e nas academias ocorre em gradual expansão ao longo do tempo e do espaço. Ainda que o direito, por exemplo, carregue signos de masculinidade, não modificam o conceito dessa área como mais feminina ou com maior processo de feminilização.

As demais áreas têm menores taxas de participação e são as ligadas as atividades do campo social. São mais masculinas as ciências agrárias e veterinárias, e femininas as ciências sociais e humanidades, por que estas são próximas dos atributos consagrados pela sociedade como característica do “ser mulher” (tabela 3). (MELO, LASTRES, 2006, p. 9)

No caso então pode-se questionar como ocorre o vínculo com a área de atributo feminino. A docência que também é vinculada ao universo feminino parece ser parte do processo de feminilização e ao mesmo tempo de ingresso no campo das ciências exatas ou biológicas. Além disso, os dados mostram que 7 dos nove que possuem ou estão cursando graduação vinculam-se à área das ciências sociais aplicadas e os dois pós-doutores pertencem à área biológica e à área de humanas.

Considerações finais

A proposta do presente artigo é construir conexões possíveis de compreensões de sexualidade com o mundo do trabalho através da proposta de análise dos perfis do LinkedIn. A análise tem certo tom ensaístico de resgatar as teorias de gênero e sexualidade mais recentes que consigam construir ferramentas de análise de tais característica e que envolvem alguma representação da identidade dos sujeitos ou dos processos macros de subjetividade.

As aparentes controvérsias apresentadas pelos perfis se aproximam mais das incongruências apresentadas de uma forma macroscópica pela sociedade. Trata-se da reconstrução do padrão referencial de sexualidade ou mesmo da negação da existência desse padrão, apesar da existência de estruturas que ainda demandam por estas configurações ou não sabem ainda, se portar frente as novas.

(...) quando as figuras estabelecidas [de masculinidade hegemônica] são tomadas como identidades e seu abalo traumaticamente interpretado como ameaça de desagregação (...) é verdade que esta guerra [dos gêneros] é de certo modo indispensável para que personagens do gênero oprimido, desqualificados socialmente, conquistem direitos civis e dignidade; mas não é menos verdade que ela os mantém confinados numa identidade, invertendo apenas seu valor, que de negativo se transforma em positivo. " (ROLNIK, Suely, 2016)

O auxílio dessa construção ocorre para permitir que a compreender como a gestão de pessoas no universo do trabalho pode colocar-se dentro da macro política e movimentar-se no sentido da produção de uma sociedade mais plural e respeitosa com as multiplicidades de relações possíveis de serem estabelecidas.

O presente trabalho é uma proposta inicial de demarcação dos caracteres suficientes a criar uma melhor malha discursiva sobre sexualidade para o mundo do trabalho e de trazer aos estudos de sexualidade uma construção mais pautada por uma dimensão universalmente importante para os indivíduos inseridos nas sociedades contemporâneas.

Perceber o discurso e as representações atrelados as imagens e comportamentos propostos pelos indivíduos sobre si para tornar-se interessante ao mundo do trabalho e para gestão de pessoas em qualquer espaço que se dedique à uma política institucional voltada aos direitos humanos.

Referências

ALCADIPANI, R.; HASSARD, J. Actor - Network Theory, Organizations and Critique: Towards a Politics of Organizing. *Organization*, v. 17, p. 419-435, 2010.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: *feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar, 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALLON, Michel. “Qu'est-ce qu'un agencement marchand?”, in: *Sociologie de l'agencement marchand*. Presses des Mines, Paris. 2013, pp 325-440.

CALLON, Michel. Entrevista: Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 10, no 19, jan./jun. 2008, p. 302-32.

CASSIANO, M. & FURLAN, R. (2013). O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 372-378.

CONNEL, Raewyn & PEARSE, Rebecca. Gênero: uma perspectiva global. Tradução e revisão técnica de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNEL, Robert W. & MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica. 2013 [2005].

CONNEL, Robert W.. *La organizacion social de la masculinidad*. En: *Valdes, Teresa y José Olavarría (edc.). Masculinidad/es: poder y crisis*, Cap. 2, ISISFLACSO: Ediciones de las Mujeres N° 24, pp. 31-48, 1995.

FERNANDES, Eder *et alii*. Anotações de aula e reuniões do Grupo de Pesquisa da UFF Sexualidades, Direito e Democracia. Rio de Janeiro, 2015, mimeo, 11p.

FOUCAULT, M. História da sexualidade II: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. História da sexualidade III: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: *Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1913].

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. São Paulo: Penguin Classic & Companhia das Letras, 2011 [1930].

GAGNON, John H. Uma Interpretação do Desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro, Garamont, 2006.

GUIMARÃES, Carmem Dora. O Homossexualismo Visto por Entendidos. Rio de Janeiro: Editora Garamont, 2004.

KATES, Steven, The Protean Quality of Subcultural Consumption: An Ethnographic Account of Gay Consumers. *Journal of Consumer Research*. v. 29, p. 383-399, 2002.

KAUFMAM, Michael & HOOWITZ, GAD. Hombres - placer, poder y cambio. Santo Domingo: CIPAF, 1989.

LATOUR, B. A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: EDUSC, 2001.

LATOUR, B. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOUR, B. Jamais Fomos Modernos, Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, B. On actor-network theory: A few clarifications. *Página Eletrônica do Centre for Social Theory and Technology (CSTT), Keele University, UK*, 1997.

LATOUR, B. On Recalling ANT. In: LAW, J.; HASSARD, J. Actor-network theory and after. Oxford: Blackwell Publishing, 1999, p.15-25.

LATOUR, B. Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-rde. Salvador: Edufba, 2012, São Paulo: Edusc, 2012.

LATOUR, B. Reassembling the Social: an Introduction to Actor-Network Theory. New York: Oxford Press University, 2005.

LATOUR, B. Why has critique run out of steam? from matters of fact to matters of concern. *Critical Inquiry*, v. 30, n. 2, p. 225-248, 2004.

LATOUR, B. Reassembling the Social: an Introduction to Actor-Network Theory. New York: Oxford Press University, 2005.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: João Arriscado; Nunes Ricardo Roque (Eds). *Objectos Impuros, Experiências em Estudo sobre a Ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2009, p. 37-62.

LATOUR, B. Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-rede. Salvador: Edufba, 2012, São Paulo: Edusc, 2012.

LAW, J. Notes on the theory of the actor network: ordering, strategy and heterogeneity. Centre for Science Studies. Lancaster University, Lancaster LA1 4YN, 1992. Publicado em: <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Notes-on-ANT.pdf> Acessado em 16 jun. 2016.

LAW, J. After ANT: complexity, naming and topology. In: LAW, J.; HASSARD, J. Actor-network theory and after. Oxford: Blackwell Publishing, 1999.

LAW, J. Objects and Spaces. Theory, Culture and Society. v. 19, p. 91-105, 2002.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Âncora de Emoções. Bauru: Edusc, 2005.

MELO, Hildete Pereira de; LASTRES, H. M. M. . Ciência e Tecnologia numa perspectiva de gênero: o caso do CNPq. In: Lucy Woellner dos Santos; Elisa Y. Ichikawa; Doralice de F. Cargano. (Org.). Ciência Tecnologia e Gênero - desvelando o feminino na construção do conhecimento. Londrina: Instituto Agrônomo do Paraná - IAPAR, 2006.

NUNAN, Adriana. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

RIOS, R. R. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: POCAHY, F. Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: NUANCES, 2007.